

# QUATRO TEMPOS E O REVERSO

LAMPILÃO

**Ozias Ribeiro Neves**

Curso de Ciências Sociais da FAFICH

Para meu pai Raimundo e para  
meus irmãos Oscar e Odair,  
operários da construção civil.

## I

debaixo de um céu de cimento  
a vida é resumida em ais  
& consumida em pedras e  
argamassas  
num ritmo marcado  
pelo relógio de ponto  
que neste momento bate  
no estômago do operário  
a hora exata de esquentar  
a marmitta.

## II

enquanto o tempo não muda  
o antigo laço secular  
o martelo bate na bigorna  
forjando formas compactas  
de matéria inacabada.

enquanto o tempo repete  
a angustiosa exploração secular  
um corpo alça vôo  
do último andar do edificio  
insistindo em desafiar o espaço.

— pela calçada uma marmita rola e  
um corpo se transforma em número  
nas estatísticas.

### III

dentro duma casa muito estranha  
construída a sete palmos da superfície  
um corpo reside / fóssil fácil  
derramado em fossa fria,  
frágeis olhos  
desarmados de paisagens.  
Outrora pássaro sem raízes  
singrando o céu  
desafiando o espaço  
ao cair do andaime.

### IV

não enlouquecer nem trair  
o coração me avisa.  
nascido no subúrbio  
de uma cidade grande,  
não tenho casa e  
trago o sorriso desconfiado e  
trágico e por isto  
meu poema não é atadura  
para colocar nas feridas  
nem colírio para os olhos  
d'alguma donzela.  
não é bandeira de nação alguma  
nem quartel de palavras ocas  
sem sentido, veiculadas pela



literatura oficial.  
meu poema não é sonho nem deleite  
da pequena burguesia e  
nem instrumento nas mãos do carrasco.  
meu poema é compromisso, é faca,  
navalha, face mutilada, barro, berro,  
ódio, cancro, lepra, desespero e  
fede a suor das seis da tarde  
dentro de um ônibus de um bairro  
operário.  
não enlouquecer nem trair  
o coração me avisa.

### O REVERSO

— o cálice sobre a mesa aguarda  
a boca ansiosa, a garganta sedenta,  
o corpo frágil.  
— na vitrola um disco de gardel reprisa  
o tempo antigo de tua face morta  
anunciando o dia num crepitar de metralhadora.  
— bebamos o último trago de vida,  
o último tango  
a derradeira derrota.  
— teu corpo de anjo jaz abatido no canto  
da sala, aberto feito pássaro caído enquanto  
rastejo até a janela.  
: na rua os operários desfilam armados  
anunciando um novo tempo.